



Estamos olhando para **LUGARES DIFERENTES**

O fenômeno é o mesmo.
O objeto da investigação é outro.

RICARDO CANTINI

Sumário

Conversa Inicial

Da inquietação à mudança de olhar

Estamos olhando para lugares diferentes

Duas camadas de uma mesma experiência

| Um intervalo antes de seguir...

Da experiência ao Padrão

A constituição estrutural da experiência

Por que continuamos repetindo?

Padrão e Coerência Funcional na DAEC

Lidar não é o mesmo que mudar

O mesmo comportamento, diferentes condições funcionais

O que a DAEC acrescenta à leitura profissional?

Uma Arquitetura de Investigação Profissional

| Antes da nossa conversa final...

Conversa Final

Quando muda o lugar para onde olhamos

A Arquitetura DAEC

Para se aprofundar

Conversa Inicial

Ao longo da minha trajetória, passei por diferentes processos de desenvolvimento pessoal: terapia, inteligência emocional, coaching, entre outros. Alguns foram intensos, outros profundamente transformadores. Com o tempo, deixei de ocupar apenas o lugar de quem vivenciava esses processos e tornei-me profissional nas áreas de Neurociência, Inteligência Emocional e Coaching, além de passar a estudar, escrever e trabalhar com temas relacionados ao comportamento e à experiência humana.

Naturalmente, quanto mais eu aprendia, mais recursos tinha para compreender minha própria história. Foi então que comecei a reconhecer comportamentos, emoções, crenças e padrões que se repetiam em mim. Em muitos deles, conseguia perceber com bastante clareza de onde vinham, como haviam se formado, quais consequências produziam e até o que eu precisava fazer diferente.

Nessa jornada, muita coisa mudou, **mas algumas, não.**

E era justamente isso que me incomodava tanto. Afinal, eu compreendia o padrão, sabia reconhecer quando ele aparecia e percebia o quanto determinadas escolhas me prejudicavam. No entanto, em alguns casos, apesar de saber exatamente o que deveria fazer diferente, ainda assim, não fazia, e, por conseguinte, repetia o padrão.

Confesso, isso era frustrante - muito frustrante!

Por outro lado, essa frustração me serviu como um ponto de inflexão.

Em certo momento, percebi que já não precisava apenas de mais uma explicação sobre **por que aquele padrão existia e persistia**. Explicações eu tinha várias. O que ainda me faltava era uma resposta que me convencesse sobre **por que, apesar de tudo aquilo que eu já compreendia, eu continuava repetindo** pensamentos, sentimentos e comportamentos que não mais condiziam com tudo o que eu já sabia – e queria.

E então lembrei que este é um dilema muito mais antigo do que às vezes pensamos.

O apóstolo Paulo o descreveu há quase dois mil anos em uma passagem que permanece profundamente atual: **aquilo que quero fazer, não faço; aquilo que não quero fazer, acabo fazendo**.

Essa frase continua atual justamente porque a experiência que ela descreve ainda nos é familiar. Podemos compreender, desejar, decidir e, mesmo assim, perceber que determinados padrões disfuncionais insistem em se repetir.

E foi a partir dessa inquietação que comecei a deslocar a pergunta que eu fazia.

Durante muito tempo, procurei respostas nos lugares em que naturalmente aprendemos a procurá-las: na história, nas emoções, nos pensamentos, nas crenças, nos comportamentos e nas relações entre aquilo que aconteceu e aquilo que fazemos hoje.

E eu encontrei muitas respostas que faziam, e ainda fazem, sentido. Algumas explicavam partes importantes daquilo que eu vivia.

Mas a minha principal pergunta continuava sem resposta:

Se eu já compreendo por que repito determinados padrões, por que eles continuam existindo?

Durante algum tempo, imaginei que ainda me faltasse alguma coisa. Uma compreensão mais ampla, algum conhecimento que eu ainda não tivesse, uma relação que não conseguia perceber ou simplesmente algo importante que havia escapado às minhas próprias análises.

Mas eu não desisti e continuei procurando — até perceber que não precisava mudar a pergunta.

O que precisava mudar era o lugar para onde eu dirigia minha investigação.

Foi aí que meu olhar começou a mudar — ou, como eu prefiro dizer, deslocar.

Aos poucos, deixei de perguntar apenas por que determinado padrão existia ou de onde ele vinha e comecei a observar o próprio fenômeno da repetição de outra maneira.

Aquilo que eu já conseguia identificar — pensamentos, emoções, comportamentos, crenças, lembranças e significados — permanecia importante. Mas comecei a dirigir minha atenção também para como a experiência se organizava.

Foi desse deslocamento de olhar que, aos poucos, nasceu a **Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência - DAEC.**

A DAEC não nasceu de um projeto para criar uma nova teoria. Foi tomando forma como consequência das minhas pesquisas, estudos e das perguntas que passaram a orientar minha investigação.

Em meus estudos, em vez de observar apenas **aquilo que aparece na experiência** — o que pensamos, sentimos, fazemos, lembramos ou significamos, comecei a olhar para **a organização sob a qual essa experiência se constitui**.

Essa diferença pode parecer pequena quando colocada em uma frase.

Mas não é.

E talvez a melhor maneira de percebê-la seja pelas questões que surgem quando mudamos a camada observada.

Aquilo que melhor explica uma dor é, por definição, o que mais sustenta a forma como alguém age hoje?

Uma experiência vivida como negativa necessariamente deixa uma marca igualmente negativa?

Quando um padrão se repete, estamos realmente repetindo a mesma coisa?

E, principalmente:

Se eu já compreendi o que faço e por que faço, mas continuo fazendo, o que ainda não estou olhando?

Foi a partir de questões como essas que a DAEC começou a tomar forma.

Neste ebook, escolhi o fenômeno da repetição como forma de apresentar alguns dos princípios e conceitos da DAEC. A investigação proposta pelo modelo, no entanto, alcança um campo mais amplo do que esse recorte.

O **deslocamento do olhar** é um princípio fundamental da DAEC: **observar a experiência humana a partir de outra camada de investigação.**

A DAEC dirige o olhar para uma camada estrutural da experiência. Uma camada que não se apresenta diretamente naquilo que pensamos, sentimos, lembramos ou fazemos, mas que participa da constituição de tudo isso.

E então aquela inquietação que me acompanhava desde o início ganhou outra pergunta:

Como essa experiência está se constituindo para que, mesmo depois de compreendermos aquilo que nos acontece, continuamos pensando, sentindo ou agindo de maneira semelhante?

Deslocamento do olhar

A própria origem da palavra **escopo** ajuda a ampliar o sentido dessa expressão. Ela remonta ao grego *skopós*, associado àquilo para o qual o olhar se dirige — o alvo, o objeto da atenção — e à mesma família de *skopéō*: observar, examinar, considerar.

Por isso, deslocar o olhar, aqui, significa mais do que observar a mesma coisa por outro ângulo. Significa **deslocar o próprio foco da investigação.**

Nas próximas páginas, convido você a experimentar uma mudança de olhar.

Porque **identificar aquilo que se repete é uma coisa.**

Olhar para a organização sob a qual essa experiência se constitui é outra.

Estamos olhando para lugares diferentes

Duas camadas de uma mesma experiência

Durante muito tempo, quando eu procurava compreender por que determinados padrões continuavam se repetindo, as respostas me levavam à minha história, ao que eu sentia, ao que pensava, aos significados que atribuía às experiências e à forma como tudo isso aparecia no meu comportamento.

As respostas mudavam. **O lugar observado, não.**

Foi essa percepção que começou a produzir um deslocamento importante. Eu podia ampliar minha compreensão, encontrar novas relações e desenvolver outras formas de agir, mas continuava procurando respostas dentro da mesma camada. Nesse sentido, a DAEC me levou a olhar para outro lugar.

A leitura psicoemocional observa pensamentos, emoções, memórias, significados, comportamentos e suas relações. A DAEC dirige o olhar para **a organização estrutural da experiência sob a qual essas manifestações se constituem.**



Uma coisa é compreender por que determinada resposta faz sentido psicologicamente. Outra é observar a organização estrutural sob a qual essa resposta se constitui.

Essa diferença começou a ficar mais clara quando passei a olhar para os meus próprios padrões por essa lógica.

Pela leitura que eu já conhecia, conseguia reconhecer o que se repetia, relacionar determinadas respostas à minha história e identificar as emoções, os pensamentos e os comportamentos envolvidos.

Contudo, a DAEC acrescentava um outro olhar: **observar a organização sob a qual essas experiências continuavam se constituindo.**

| O fenômeno observado é o mesmo.

| O objeto da investigação é outro.

E essa diferença importa porque aquilo que explica um padrão na camada psicoemocional não necessariamente explica a organização estrutural sob a qual ele continua se constituindo.

É nesse deslocamento que começa a leitura da DAEC.

Um intervalo antes de seguir...

Ao longo deste material, alguns trechos poderão parecer imediatamente claros, enquanto outros não se encaixarão de forma tão direta.

Nesses momentos, tentar compreender o que está sendo apresentado apenas a partir das convicções e formas de pensar que já nos são familiares pode nos levar a encaixar uma ideia nova dentro daquilo que já conhecemos e, com isso, chegar a interpretações equivocadas.

Por isso, quando uma ideia parecer fazer sentido — ou não fazer sentido algum, antes de seguir adiante, vale uma pergunta:

**O que fez com que eu a
compreendesse dessa maneira?**

No entanto, não é preciso buscar uma resposta. A própria pergunta já é parte do que quero apresentar ao longo destas páginas.

Ao final deste ebook, este pequeno intervalo — e sua relação com a própria DAEC — fará mais sentido do que faz agora.

Da experiência ao Padrão

A constituição estrutural da experiência

Cada experiência que vivemos acontece em algum momento da nossa história. Algumas parecem pouco relevantes; outras ocupam um lugar importante na forma como contamos nossa própria trajetória. Mas compreender como o vivido participa daquilo que nos tornamos exige olhar além do que conseguimos lembrar ou reconhecer como importante nesse percurso.

Duas pessoas recebem a mesma crítica. Uma parece não se importar; a outra, por outro lado, se sente profundamente atingida.

Diante dessa cena, é natural procurar a diferença na história de cada uma, nas emoções despertadas, nas crenças envolvidas ou no significado atribuído àquela crítica. Essa leitura oferece caminhos importantes para compreender por que cada pessoa respondeu daquela maneira.

Entretanto, a DAEC olha para a mesma cena a partir de uma camada mais basal da experiência.

Aquilo que reconhecemos como emoção, pensamento, significado ou comportamento não se constitui a partir de uma experiência neutra. Quando a camada psicoemocional começa a processar o que está acontecendo, já existe uma **organização funcional e dinâmica** participando da própria constituição daquela experiência.

Não se trata de um molde produzido ao longo do viver, nem de um conjunto de condições sob as quais a experiência acontece. Trata-se de uma organização em funcionamento, cuja configuração,

dinâmica, contexto e aquilo que acontece naquele momento participam da forma que a experiência assume.

Por isso...

| A crítica pode ser a mesma.

| A experiência constituída, não.

É essa dimensão mais basal que a DAEC observa.

A DAEC denomina **Estrutura Experiencial** a organização estrutural cuja configuração funcional e dinâmica participa da constituição das experiências no presente.

Ela não funciona como um arquivo que guarda cópias daquilo que aconteceu, nem como uma estrutura rígida que simplesmente reproduz respostas previamente determinadas. Sua organização está continuamente em dinâmica: possui uma configuração funcional própria e, ao mesmo tempo em que participa da constituição da experiência, também pode ser modificada por aquilo que acontece.

A experiência constituída naquele momento é chamada de **Presente-vivido**.

Mas o que estamos chamando de uma experiência?

Quando dizemos que alguém viveu uma experiência, é natural tratá-la como uma unidade: uma crítica, uma perda, uma rejeição, uma bronca do pai. Essa unidade corresponde à forma como conseguimos reconhecer e delimitar determinado acontecimento.

Funcionalmente, porém, aquilo que chamamos de uma experiência pode reunir inúmeras experiências que participam, direta ou indiretamente, daquele mesmo momento.

Pense em uma criança levando uma bronca do pai. Podemos reconhecer “**a bronca**” como uma experiência. Essa experiência, no entanto, envolve o tom de voz, as palavras utilizadas, a expressão do pai, os silêncios, aquilo que a criança percebe naquele momento e as relações que se estabelecem entre esses e outros elementos.

Mesmo aquilo que isolamos como uma dessas experiências pode conter outras em sua composição. Uma experiência, portanto, não corresponde necessariamente a uma unidade funcional indivisível.

A DAEC não escolhe uma dessas partes como causa.

Aquilo que resulta dessa dinâmica também não precisa corresponder ao acontecimento inteiro que posteriormente conseguimos reconhecer ou narrar. Pode estar relacionado a uma parte, à relação entre diferentes partes ou a algo que sequer conseguiríamos delimitar como uma experiência independente.

É a partir dessa ideia que chegamos ao **Fragmento**.

Fragmento é o resultante de uma dinâmica experiencial. Ele pode se formar a partir de uma experiência, das relações que ela estabelece com outras ou mesmo de algo que, isoladamente, talvez nem reconheceríamos como uma experiência.

Esse resultante constitui uma configuração funcional própria, formada na experiência que o originou.

Ao longo desse processo, o Fragmento pode atingir o **Limiar de Cristalização**. Quando esse limiar é atingido, o Fragmento cristaliza e sua configuração funcional constitui-se como **Padrão**.

É nesse momento que ocorre o acoplamento do Fragmento à organização existente. Com sua integração ao conjunto, a própria organização é reconfigurada e, conseqüentemente, também sua dinâmica.

Assim, o Padrão do Fragmento não permanece como uma configuração isolada que pudesse ser localizada dentro da Estrutura Experiencial. Por meio do acoplamento, ele passa a integrar a configuração funcional da própria organização.

Do resultante ao Padrão

DINÂMICA EXPERIENCIAL ➡ **FRAGMENTO**
*(resultante experiencial com
configuração funcional própria)*



◆ **O Fragmento atingiu o Limiar de Cristalização?** ◆

SE NÃO: sua configuração é válida apenas naquela experiência.

SE SIM: o Fragmento cristaliza



PADRÃO *(configuração funcional cristalizada)* ➡ **ACOPLAMENTO**



MODELAGEM DA CONFIGURAÇÃO FUNCIONAL E DINÂMICA

Essa leitura produz uma diferença particularmente importante para o profissional.

Na camada psicoemocional, uma experiência muito dolorosa, marcante e coerente com a dificuldade atual pode naturalmente ocupar um lugar central na compreensão daquele paciente.

Pela DAEC, sua importância narrativa ou emocional não determina, por si só, que aquilo tenha se constituído como Padrão.

Aquilo que mais marcou a história

não necessariamente

se constituiu como Padrão

Por que continuamos repetindo?

Padrão e Coerência Funcional na DAEC

Quando falamos em repetição de padrões, normalmente reconhecemos aquilo que volta a acontecer: conflitos semelhantes nos relacionamentos, dificuldades que reaparecem no trabalho ou respostas que a pessoa já identificou, compreendeu e decidiu mudar, mas que continuam surgindo em determinadas situações.

É justamente por serem observáveis que esses padrões podem ser relacionados à história, às emoções, às crenças, aos significados e aos comportamentos da pessoa.

Na DAEC, porém, **Padrão significa outra coisa.**

Padrão é uma **configuração funcional e dinâmica da organização estrutural** que estabelece parâmetros sob os quais a experiência se constitui.

A cada acoplamento, a própria organização é reconfigurada. O que encontramos no presente, portanto, é uma organização com uma configuração funcional própria — **o Padrão presente.**

O Padrão não determina antecipadamente qual emoção alguém sentirá, o que pensará ou qual comportamento apresentará. Ele corresponde à configuração funcional da organização que estará presente diante de cada nova experiência.

É nesse sentido que o padrão que observamos na camada psicoemocional e o **Padrão**, na DAEC, correspondem a conceitos diferentes.

O primeiro é reconhecido por aquilo que se repete e pode ser observado.

O segundo corresponde à configuração funcional presente da organização.

padrão ≠ Padrão

Coerência Funcional

A organização não parte do zero diante de cada experiência. Há uma configuração funcional presente — o Padrão — sob a qual a experiência se constitui.

Coerência Funcional é a tendência da organização de funcionar em coerência com seu Padrão presente.

Isso significa que a forma como compreendemos, interpretamos, sentimos e agimos tende a se constituir em coerência com a configuração funcional existente.

É aqui que podemos voltar à questão da repetição.

Aquilo que se repete pode ser incoerente com o que a pessoa já sabe, deseja ou decidiu fazer, porém pode estar em **Coerência Funcional** com a forma como sua organização está configurada.

É essa aparente contradição que a **Coerência Funcional** ajuda a compreender.

O que já parece resolvido na camada psicoemocional pode continuar encontrando, na camada investigada pela DAEC, uma

configuração funcional diferente daquela necessária para que a experiência se constitua de outra maneira.

Assim, em muitos casos, continuamos repetindo porque nosso funcionamento tende à coerência com a forma como nossa organização está configurada.

coerência psicoemocional

≠

Coerência Funcional

Lidar não é o mesmo que mudar

O mesmo comportamento, diferentes condições funcionais

Imagine duas pessoas que decidem começar a frequentar uma academia. As duas estabelecem o mesmo objetivo: treinar quatro vezes por semana.

Depois de algum tempo, porém, existe uma diferença importante entre elas.

Para a primeira, ir à academia passou a fazer parte do seu modo de viver. É como trabalhar ou cumprir outro compromisso importante. Pode estar frio, chovendo ou ela pode estar cansada. Isso pode tornar aquele dia mais difícil, mas a pergunta “será que eu vou?” praticamente já não entra em discussão.

Então ela vai normalmente.

No entanto, para a segunda pessoa, a história é diferente.

Ela também quer treinar. Sabe que faz bem para sua saúde, conhece seus objetivos e pode até ser bastante disciplinada. Mas ir à academia ainda é, de certa forma, ir “**na marra**”.

E basta um dia um pouco mais difícil para começar uma negociação interna:

“Hoje está muito frio.”

“Estou cansado.”

“Eu mereço descansar.”

“Amanhã eu compenso.”

Perceba que estamos diante daquilo que discutimos no tópico anterior.

Na camada psicoemocional, essa pessoa **já sabe o que quer**. Ela decidiu treinar, conhece os benefícios e tem razões suficientes para ir.

Mas isso não significa que ir à academia esteja em **Coerência Funcional** com a forma como sua organização está configurada.

É justamente por isso que aquelas pequenas justificativas encontram espaço com tanta facilidade. **Elas favorecem a continuidade de um funcionamento que já encontra coerência com o Padrão presente.**

Aqui aparece algo que costumamos chamar de **autossabotagem**.

Agora imagine que, apesar do frio, do cansaço e de toda essa negociação interna, essa segunda pessoa colocou a roupa e foi treinar.

As duas pessoas chegaram, naquele dia, ao mesmo comportamento: **foram à academia**.

Mas isso não significa que chegaram até ele sob as mesmas condições funcionais.

A primeira praticamente não precisou reabrir aquela decisão. Para a segunda, foi necessário **mobilizar recursos para conseguir fazer aquilo que havia decidido**.

É aqui que entra outro conceito: a **Capacidade de Mobilização Adaptativa — CMA**.

Quando aquilo que uma experiência requer não encontra Coerência Funcional com o Padrão presente, responder **ao que ela requer** pode exigir a mobilização de recursos.

A CMA corresponde à condição funcional disponível para essa mobilização.

No nosso exemplo, ela ajuda a compreender como a segunda pessoa pode fazer diferente mesmo quando aquilo que decidiu fazer **não encontra Coerência Funcional com seu Padrão presente**.

E isso faz muita diferença.

Porque desenvolver recursos pode nos permitir atravessar uma experiência de outra maneira, sustentar uma decisão e até produzir um comportamento diferente.

Mas conseguir fazer diferente não significa, por si só, que houve mudança estrutural.

A segunda pessoa foi à academia. Amanhã poderá ir novamente. Essas experiências podem, inclusive, participar de novas reconfigurações. O que não podemos fazer é olhar apenas para o comportamento e concluir que o Padrão mudou.

Essa distinção foi importante também na minha própria trajetória. Quanto mais eu estudava, compreendia meus processos e desenvolvia novas estratégias, mais recursos adquiria para lidar com muitas situações. E, obviamente, isso fazia diferença.

Mas lidar melhor não significava, necessariamente, que a experiência havia passado a se constituir sob uma nova configuração funcional.

Eu podia estar mais preparado para lidar com a experiência sem que isso significasse ter produzido a mudança estrutural que eu esperava.

É por isso que **lidar e mudar não são sinônimos.**

Lidar ≠ Mudar

O que a DAEC acrescenta à leitura profissional?

Uma Arquitetura de Investigação Profissional

Conhecer a DAEC acrescenta uma nova camada à compreensão da experiência humana. Para o profissional, isso significa mais do que acrescentar novas informações àquilo que ele já observa.

Significa contar com uma arquitetura capaz de diferenciar aquilo que se manifesta, os recursos que sustentam uma resposta e a organização funcional sob a qual a experiência se constitui — e usar essas diferenças para formular hipóteses mais precisas e orientar sua atuação.

Quando escuta um paciente, formula hipóteses, estabelece relações e escolhe um caminho de trabalho, existe uma leitura orientando suas decisões. Emoções, pensamentos, comportamentos, significados, memórias e relações com a história oferecem informações importantes sobre aquilo que o paciente vive.

A DAEC introduz uma camada mais basal nessa investigação.

Nesse nível, aquilo que se manifesta na camada psicoemocional pode ser investigado também a partir do **Padrão da organização estrutural presente**, sob o qual essas experiências se constituem.

Isso oferece novas referências para investigar por que algumas respostas voltam a acontecer, por que mudanças importantes na camada psicoemocional não correspondem necessariamente a mudanças estruturais e por que comportamentos semelhantes podem se constituir sob organizações funcionalmente diferentes.

Pense em uma dificuldade que persiste durante um processo terapêutico. O profissional pode aprofundar sua investigação, trabalhar novas relações com a história, explorar emoções, significados e crenças ou experimentar outras estratégias de intervenção. Contudo, a DAEC introduz distinções que podem modificar a própria compreensão do que está acontecendo.

Uma correlação muito convincente entre história e dificuldade atual não determina, por si só, a relevância daquela experiência na modelagem estrutural presente.

Um comportamento que continua se repetindo na camada psicoemocional não corresponde, necessariamente, ao Padrão sob o qual ele se constitui.

E a ampliação dos recursos disponíveis para lidar com determinada demanda não significa, necessariamente, uma mudança estrutural equivalente.

História, manifestação, capacidade adaptativa e organização estrutural oferecem informações diferentes sobre a experiência. Saber distingui-las qualifica a investigação e evita que fenômenos diferentes sejam tratados como se dissessem a mesma coisa.

É também nesse deslocamento que a **Coerência Funcional** oferece uma nova referência à investigação. Aquilo que, na camada psicoemocional, pode parecer contraditório com o que a pessoa compreende, deseja ou decidiu mudar pode estar se constituindo de maneira funcionalmente coerente com sua organização estrutural presente.

Isso não diminui a importância da compreensão adquirida, dos novos recursos desenvolvidos ou das mudanças observadas.

Permite, contudo, distinguir **onde a mudança está acontecendo e sobre qual camada da experiência estamos atuando.**

Quando uma intervenção não produz a mudança esperada, o próprio objeto sobre o qual se está atuando pode ser reconsiderado.

Estamos trabalhando com aquilo que se manifesta na camada psicoemocional, ampliando recursos para lidar com essa experiência ou alcançando também as condições estruturais sob as quais essa experiência se constitui?

Cada resposta aponta para uma leitura diferente do processo.

É essa capacidade de discriminação que faz da DAEC uma Arquitetura de Investigação Profissional.

Ao incorporar uma camada mais basal à leitura da experiência, o profissional passa a contar com referências para diferenciar história, manifestação, repetição, recursos adaptativos, Coerência Funcional e mudança estrutural. Isso amplia e qualifica seu arcabouço para formular hipóteses, interpretar aquilo que observa e decidir com maior clareza o que pretende investigar ou modificar.

A DAEC amplia o mapa da experiência. E, quando o mapa ganha novas referências, o profissional não apenas enxerga mais: ele passa a distinguir melhor onde está, o que está acontecendo e sobre o que está atuando.

DAEC

Uma Arquitetura de Investigação
Profissional que revela uma nova
camada da experiência humana e
amplia as possibilidades de
intervenção.

Antes da nossa conversa final...

No início deste ebook, fizemos um pequeno intervalo. Diante das ideias que seriam apresentadas ao longo destas páginas, deixamos uma pergunta em aberto:

**O que fez com que eu a
compreendesse dessa maneira?**

Naquele momento, não era preciso buscar uma resposta. Agora podemos voltar à pergunta de outro lugar.

Enquanto você lia, algumas ideias fizeram sentido rapidamente, outras, por sua vez, exigiram mais tempo. Você relacionou conceitos, lembrou de situações, concordou, discordou e chegou às suas próprias conclusões. Tudo isso participou da experiência de leitura e daquilo que você reconheceu conscientemente como compreensão.

Mas há algo que, naquele primeiro intervalo, você não tinha elementos para perceber.

**Você começou a compreender antes
mesmo de perceber conscientemente
que estava compreendendo.**

Enquanto sua experiência se constituía, ela já ganhava forma sob as condições funcionais estabelecidas pelo Padrão presente.

Aquilo que poderia ser relacionado, compreendido e ganhar significado não partia de um campo neutro: encontrava uma organização funcional que delimitava possibilidades para aquele aprendizado.

Então veio o momento em que você pensou:

“Entendi.”

Mas aquele não era o começo.

Quando você pensou “entendi”, não tomou consciência apenas de uma compreensão. Tomou consciência da compreensão que sua organização funcional tornou possível naquele momento.

É por isso que a pergunta deixada no início destas páginas dizia mais do que parecia. Ela poderia parecer uma pergunta sobre interpretação. Agora, revela também uma pergunta sobre constituição.

Duas pessoas podem ler as mesmas palavras, conhecer os mesmos conceitos e chegar a conclusões muito semelhantes. Ainda assim, a experiência constituída em cada uma delas estará submetida às condições funcionais de sua própria organização.

Portanto, o texto pode ser o mesmo.

A compreensão pode até ser semelhante.

Mas a experiência que a tornou possível, definitivamente, não.

No início, você leu uma pergunta sobre a sua experiência.

Agora, pode olhar para sua própria experiência a partir dessa pergunta.

Conversa Final

Quando muda o lugar para onde olhamos

Chegar ao final de uma leitura significa também perceber o que ela modificou na forma como passamos a olhar para aquilo que já conhecíamos. Algumas ideias ampliam nosso repertório, enquanto outras acrescentam novas perguntas. E há aquelas que reorganizam o próprio lugar a partir do qual passamos a investigar aquilo que está diante de nós.

E é fundamentalmente esse movimento que nos importa aqui.

Ao longo destas páginas, a DAEC apresentou uma camada mais basal para a compreensão da experiência humana: a organização funcional sob a qual a experiência se constitui. E, a partir dela, algumas distinções passam a fazer parte da leitura.

Compreender aquilo que se repete é diferente de identificar o Padrão sob o qual a experiência se constitui. Ampliar recursos para lidar com uma experiência é diferente de produzir uma mudança estrutural. E aquilo que ocupa um lugar central na história de uma pessoa pode ter uma relevância diferente na modelagem de sua Estrutura Experiencial.

Cada uma dessas distinções muda aquilo que pode ser investigado.

Quando um paciente conta uma história, reconhece uma emoção, compreende um comportamento, encontra uma explicação ou responde a uma intervenção, a DAEC acrescenta uma pergunta:

Como essa experiência está se constituindo funcionalmente enquanto tudo isso acontece?

Essa pergunta muda o objeto da investigação.

Foi da necessidade de levar essa arquitetura para mais perto da prática que surgiu o MEP — Mapeamento Estrutural do Presente.

O MEP organiza indicadores do Presente-vivido e permite ao profissional construir uma leitura estrutural orientada pela DAEC.

É por meio dele que aquilo que discutimos ao longo destas páginas começa a ganhar uma forma sistematizada de investigação da experiência presente.

A DAEC oferece a arquitetura de investigação. O MEP leva essa arquitetura à prática.

A história pode continuar sendo a mesma. O comportamento pode continuar se repetindo. A emoção pode continuar aparecendo com a mesma intensidade. E mudanças importantes podem acontecer ao longo do processo.

Mas agora há algo a mais para observar.

Porque compreender uma experiência não encerra necessariamente a investigação sobre como ela se constitui.

Quando o referencial muda, muda também aquilo que conseguimos distinguir.

Você chegou ao final destas páginas conhecendo uma nova arquitetura para investigar a experiência humana.

A partir daqui, diante de uma experiência conhecida, de uma explicação que faz sentido ou de uma mudança que parece importante, há uma nova possibilidade:

O que está acontecendo na organização funcional dessa experiência?

E talvez essa seja a pergunta que importa levar daqui.

Para onde devo olhar a partir de agora?

A resposta não precisa estar neste ebook.

O deslocamento, sim.

E, lembre-se:

A cena pode continuar a mesma.

O lugar para onde você dirige o olhar, não.

A Arquitetura DAEC

Ao longo deste ebook, você entrou em contato com alguns dos **constructos que compõem a arquitetura conceitual da DAEC**.

Eles não funcionam de forma isolada, mas se articulam na compreensão da organização funcional da experiência.

Os constructos apresentados aqui representam apenas parte dessa arquitetura — aqueles necessários para a introdução proposta neste ebook.

Constructos apresentados

- Estrutura Experiencial
- Presente-vivido
- Fragmento
- Limiar de Cristalização
- Padrão
- Acoplamento
- Coerência Funcional
- CMA — Capacidade de Mobilização Adaptativa

Uma arquitetura maior

A DAEC integra uma arquitetura conceitual e aplicada mais ampla:

- **ANP**
Arquitetura Neural do Presente
- **DAEC**
Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência

- **MEP**

Mapeamento Estrutural do Presente

Para aprofundar

Este ebook apresentou uma introdução aos principais conceitos da **Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência — DAEC** e à sua arquitetura de investigação.

Da arquitetura à prática

O **MEP — Mapeamento Estrutural do Presente** leva essa arquitetura para a investigação profissional, organizando indicadores do Presente-vivido e oferecendo uma forma sistematizada de construir uma leitura estrutural orientada pela DAEC.

Conheça o MEP

<https://mep.cantini.com.br>

Fundamentação teórica

Para aprofundar seus fundamentos e a construção teórica que a sustenta, estão disponíveis os artigos dedicados à **Arquitetura Neural do Presente — ANP** e à **Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência — DAEC**.

Arquitetura Neural do Presente — ANP

<https://zenodo.org/records/18436535>

Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência — DAEC

<https://zenodo.org/records/18674381>

RICARDO CANTINI

Especialista em Neurociência da Consciência e das Emoções

Desenvolvedor da

Dinâmica de Acoplamento Estrutural da Consciência - DAEC



ricardo@cantini.com.br

www.cantini.com.br

[@ricardocantini](https://twitter.com/ricardocantini)

Créditos

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução e distribuição parcial ou total, por qualquer meio, sem prévia autorização por escrito do autor.

Edição / Revisão / Diagramação

Ricardo Cantini

Imagem da capa

Gerada com IA (chatgpt)